



NARRATIVAS DA TRADIÇÃO ORAL PURUBORANA - MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA -

Valdir Vegini

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: vvegini@gmail.com

Rebecca Louize Vegini

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)

E-mail: rebeccaamor@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objeto de estudo as algumas narrativas do acervo cultural ancestral do povo Puruborá e por objetivo principal registrar e divulgar, ainda que parcialmente, tradições (costumes, crenças etc.) remanescentes na memória de um único enunciador-narrador ainda vivo, o Sr. Paulo Aporeti Puruborá, na esperança de que heranças culturais desse tipo sejam revivificadas e perpetuadas. Para fundamentar o trabalho, os autores apoiaram-se nos estudos de Halbwachs (2006) e de Ferreira Netto (2008), que tratam da memória (individual, coletiva e histórica) e sua propriedade de formadora de identidade (individual e coletiva), da tradição oral e da produção de narrativas. Já para caracterizar esse povo, sua história mais recente e algumas de suas tradições que ainda mantidas, utilizaram os apontamentos do "Conselho Indigenista Missionário" (2015). Em relação às narrativas ancestrais, os autores se ativeram única e exclusivamente ao que o enunciador-narrador relatou durante o trabalho de campo.

Palavras-chave: Povo Puruborá; Memória; Identidade; Tradição Oral; Narrativas.

ABSTRACT

The article is to study the object of some narratives of the ancestral cultural heritage of the people and Puruborá main purpose register and disclose, even partially, traditions (customs, beliefs etc.) remaining in the memory of a single still alive enunciator- narrator, the Mr. Paulo Aporeti Puruborá, in the hope that cultural heritages such are revived and perpetuated. To support the study, the authors were supported in studies of Halbwachs (2006) and Ferreira Netto (2008), dealing with memory (individual, collective and historical) and identity -forming property (individual and collective), of the oral tradition and narrative production. Already to characterize these people, their recent history and some of its traditions that still held, used the notes of "Conselho Indigenista Missionário" (2015). Regarding the ancestral narratives, the authors clung solely to the enunciator-narrator reported during the field work.

Keywords: Puruborá People; Memory; Identity; Oral tradition; Narratives.



Introdução: Contexto, Objeto e Objetivo

Em julho de 2013, o primeiro autor deste artigo recebeu da Coordenação Regional da Fundação Nacional do Índio - Funai - de JI-PARANÁ - RO o convite para participar de uma viagem de trabalho a se realizar entre os dias 10 a 23 de dezembro daquele ano, cabendo-lhe a missão de realizar um levantamento linguístico - para fins de identificação e resgate - das línguas maternas dos povos Migueleno (falante da língua wainiam), Puruborá (falantes da língua de mesmo nome) e Kujubim (outrora falantes da língua kujubim ou kutruye). Fizeram parte daquela viagem de trabalho, entre outros funcionários da Funai de Ji-Paraná, o Sr. Tennesson Gonçalves de Oliveira (Coordenador Técnico) e Cleide Braz Bezerra Rocha de Albuquerque (Setor de Promoção e Cidadania). A proposta de trabalho apresentada na ocasião previa também a realização de um levantamento do acervo narrativo cultural ancestral desses povos. O levantamento linguístico e as considerações pertinentes às línguas desses três povos da Amazônia rondoniense foram objeto do artigo "Wainiam, Puruborá e Kujubim/Kutruye: povo, cultura e tradição (um relato experiencial)" que o primeiro autor concluiu recentemente e que se encontra no prelo de uma revista científica para edição e publicação; já o levantamento do acervo cultural desses três grupos étnicos diferentes coletado em gravação pelo primeiro autor em seu trabalho de campo foi transcrito e transposto para a língua padrão (aproximada) do idioma português pela segunda autora. Neste artigo, o objeto a ser analisado pelos autores é o acervo cultural contido em algumas narrativas ancestrais do povo Puruborá e o nosso objetivo é divulgar, ainda que parcialmente, as tradições (costumes, crenças etc.) remanescentes na memória de um informante na esperança de que sejam revivificadas e perpetuadas.

Antes, porém, de caracterizar o povo Puruborá e apresentar parcela de seu acervo cultural, vamos dedicar algumas páginas para fundamentar teoricamente o trabalho, ou seja, vamos definir alguns conceitos teóricos básicos que, a nosso ver, sustentam as razões de buscarmos as características culturais de um povo nos meandros de suas narrativas ancestrais.



1 Memória, identidade, cultura e narrativa

A memória é um fenômeno comum a todos os seres vivos, que se tornou, por razões evolutivas, altamente complexo na espécie humana. Definida de forma elementar, a memória é a aptidão que os seres humanos têm de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto a eles estiver associado; também pode ser definida, em termos gerais e globais, como a capacidade que designa as possibilidades, as condições e os limites da fixação da experiência, retenção, reconhecimento e evocação (Halbwachs, 2006). Ferreira Netto (2008, p. 16-18), na introdução de seu livro "Tradição oral e produção de narrativas" define memória "um fenômeno cognitivo do ser humano, muito provavelmente correlata a fenômenos fisiológicos que recebem nome semelhante, cuja propriedade mais específica é atuar como elemento formador da identidade pessoal e coletiva." E acrescenta: "entendemos que a memória que vai descrita aqui é um fenômeno de natureza cultural adquirido no correr do desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos e de suas sociedades." Nesse sentido, continua esse autor, "Por se tratar de uma instituição social, a memória tem uma função própria dentro da sociedade que se diferencia entre as sociedades; e por se tratar de uma capacidade diretamente correlacionada à fisiologia do ser humano, "ela é um fenômeno universal que se reproduz necessariamente em todas as sociedades". Dando sequência a seu raciocínio em relação à "memória", Ferreira Netto afirma que "dentre as características mais notáveis da memória, está o fato de poder ser recuperada a partir de estímulos externos incidentes no corpo de seu portador." Nesse ponto, ele apresenta dois tipos diferentes de memória: a explícita e a implícita. A primeira, afirma, envolve a lembrança consciente de episódios passados, recuperados intencionalmente; a segunda, envolve a influência de episódios passados no comportamento atual sem recuperação intencional e, algumas vezes, inconscientemente. Isso implica em dizer que tanto o indivíduo quanto os outros membros de uma dada comunidade ou sociedade têm poder sobre a sua memória e que, se a memória pode ser manipulada de fora, a própria identidade passa a ser um fenômeno que se desenvolve na sociedade. Nesse sentido, pode-se dizer que a



identidade de uma pessoa é, na realidade, um mosaico construído socialmente, em cuja superfície emergem facetas embutidas advindas da memória explícita e implícita. E se a identidade é uma construção social, então, tanto ela quanto à memória só podem existir dentro de uma cultura, que, por definição, é aquilo que aprendemos socialmente ou, em termos mais complexos, é o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social de outro. É nesse sentido o que escreve Ferreira Netto acerca das diferenças na manipulação da memória entre indivíduos e entre as sociedades. Segundo ele, essas diferenças "estão diretamente relacionadas à história [cultural] de cada um deles, pois são estratégias que se desenvolveram no correr do tempo, de acordo com as experiências e necessidade de cada um." Todavia, como a memória é um fenômeno cognitivo, ela tem a restrição, segundo Ferreira Netto, "de apenas se tornar pública nas suas manifestações físicas na forma das linguagens disponíveis para isso" dentre as quais "a língua é uma das que melhor propicia a sua exteriorização." A par disso, seja no contexto de uma comunidade¹ de Tradição Oral, ou mesmo nas suas formas remanescentes no interior de uma sociedade² de Tradição Escrita, uma das possibilidades estratégicas mais comuns e eficazes de manipulação institucional de comportamentos são as narrativas orais que são transmitidas "entre todos os membros e entre as gerações de um mesmo grupo [cultural]." Elas são - conclui Ferreira Netto - ao mesmo tempo "fenômenos típicos tanto da memória implícita quanto da explícita" e estão nelas sempre disponíveis bastando para isso algum estímulo externo ou forma que desencadeie "a sua lembrança automaticamente." Essa forma de documentação de eventos na memória individual é um dos meios institucionalizados próprios das comunidades e/ou sociedades para garantirem a sua identidade e a sua permanência. Além disso, essas narrativas orais transmitidas de geração em geração dão aos indivíduos de um grupo social o sentido de pertença ou de pertencimento e é na proporção de suas manutenções que vão permanecer coesos culturalmente. É o que Ferreira Netto vai chamar de "rede", isto é, "a manutenção de um fato institucional memorizado total ou parcialmente por todos os indivíduos, que pertencem ao

¹Ernest Gellner, em seu livro "**El arado, la espada y el libro**": la estructura de la historia humana" [México: Fondo de Cultura Económica, 1992) estabelece uma diferença crucial entre a noção de "comunidade" (período pré-industrial) e "sociedade" (período pós-industrial) e as consequências disso na cognição humana.

² Idem à nota 3.



mesmo grupo. Suas memórias individuais, tomadas coletivamente, formam a rede de conhecimentos que sustenta a identidade do próprio grupo." E o meio utilizado pelas comunidades de Tradição Oral para criar essa rede é a oralidade na forma de narrativas, valendo-se das memórias individual³ e coletiva; das sociedades de Tradição Escrita são os documentos permanentes, sejam eles por meio de narrativas escritas ou não, estabelecendo o que se chama de memória histórica.

Definido teoricamente como concebemos o objeto deste artigo, isto é, o acervo cultural, parcial, neste artigo, contido em algumas narrativas ancestrais do povo indígena Puruborá, passaremos a seguir a caracterizar o povo cujas tradições queremos divulgar.

2 O povo puruborá e sua história recente

De acordo com o Conselho Indigenista Missionário/CIMI (2015, p. 117-8), os remanescentes do povo indígena Puruborá, cujo nome significa "aquele que se transforma em onça para curar", encontram-se atualmente dispersos "nos municípios de Seringueiras, São Francisco do Guaporé, Costa Marques, Guajará-Mirim e Porto Velho. Estado de Rondônia". No passado, porém, a história oral desse povo, que linguisticamente pertence ao tronco macro-tupi (RODRIGUES, 1996, p. 46), garante que se tratava de mais um povo indígena que possuía território, costumes e língua próprios.

Em 1919, conforme consta na nova edição do "Panewa Especial" do CIMI (2015, p. 117-8), os Puruborá foram contatados pelo Marechal Rondon, que "os deixou na região do rio Manuel Correia, afluente do rio São Miguel, aos cuidados de um encarregado do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), José Felix do Nascimento, no lugar conhecido como Colônia ou Posto 2 de Maio." Nesse mesmo ano, "o Marechal Rondon demarcou a terra dos Puruborá com marcos de madeira." E em 1925, "o doutor Benjamim Rondon, filho do Marechal Rondon, reabriu a demarcação." Apesar dessas duas "marcações" ou "demarcações", pouco efeitos práticos tiveram já que o próprio encarregado do SPI e os seringalistas que o sucederam estavam muito mais interessados nos lucros que a goma de borracha

³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.



lhes traziam, extraída das abundantes seringueiras da região, do que propriamente na preservação desse povo. Além disso, "nos anos subsequentes ao contato, "os Puruborá foram acometidos por epidemias de gripe, sarampo, catapora e caxumba" a ponto de, praticamente, serem dizimados. Os poucos que conseguiram resistir, tanto biológica quanto etnicamente, foram submetidos à condição de semiescravos já que "trabalhavam para o 'patrão' do SPI, cortando seringa em troca de mercadoria" para sobrevivência (CIMI, 2015, p. 118). Segundo o CIMI (2015, p. 117), "O encarregado José Felix deixou seringueiros nordestinos trabalharem dentro da área" demarcada e destinada aos Puruborá, mas "não autorizou a realização de festas tradicionais". No lugar delas, "José Felix permitiu a organização de festas de 'brancos' durante as quais as moças Puruborá se aproximavam dos seringueiros e depois se juntavam a eles", como ele próprio fez já que era "casado com uma mulher Puruborá." Em relação às jovens órfãs por conta das epidemias, ele as "entregava para os seringueiros."

Em 1949, com a morte de José Felix, os Puruborá remanescentes solicitaram a indicação de um novo encarregado. O SPI "se negou, alegando que o povo já era mestiçado". A partir dessa negativa, "a maioria das famílias Puruborá saiu para um local chamado de Limoeiro no rio São Miguel onde passaram a trabalhar para os seringalistas.", menos, porém, "a família de Paulo Aporeti Puruborá, que permaneceu na terra demarcada por Rondon até 1983 quando saiu por motivos de saúde." (CIMI, 2015, p. 118)

Em 1955, "a família de Emília Puruborá, irmã de Paulo Aporeti, deixou Limoeiro de São Miguel e voltou para a terra Puruborá, para a aldeia ancestral dos Puruborá, no rio Manoel Correia", de onde tinham saído após a morte de José Felix em 1949, "onde criou seus nove filhos" (CIMI, 2015, p. 118).

Em 1994, "Emília Puruborá e sua família foram expulsos da aldeia pela Funai" com a alegação de que se "encontravam na divisa da Terra Indígena (T.I.) Uru Eu Wau Wau. Passaram a viver às margens da BR-429, rio Manuel Correia", localidade hoje pertencente ao município de Seringueiras/RO, "onde a sobrevivência tornou-se difícil." (CIMI, 2015, p. 118). Para garantir um pedaço de sua terra, Emília, que faleceu em 4 de abril de 2013, "teve que comprar uma parte de seu próprio território tradicional." e ali instalar a Aldeia Aperoy, que foi visitada pelo primeiro autor deste artigo em dezembro de 2013. Informado, nessa ocasião, que Paulo Aporeti



Puruborá, irmão de Emília, ainda vivia e residia em Costa Marques, o primeiro autor, acompanhado do Frei Volmir C. Bavaresco e de Osmar Maçoli, ambos representando o CIMI durante a viagem de trabalho da Funai, fizeram-lhe uma visita. Depois de uma longa conversa, o Sr. Paulo aceitou recontar alguns eventos ancestrais do seu povo, que ainda guarda na memória. Essa conversa foi gravada em vídeo por Osmar Maçoli e é tida, tanto por ele como por estes autores, como uma relíquia de altíssimo valor cultural já que, como assegura o próprio CIMI (2015, p. 118), "o mais idoso, é a memória mais fiel do passado."

Chamaremos a próxima seção de "Acervo da memória coletiva" do povo Puruborá e a dividiremos em duas partes. A primeira conterá dados retirados do texto do CIMI (2015, p. 118); a segunda, fragmentos de crenças e costumes ancestrais contidos na conversa gravada com Paulo Aporeti Puruborá.

3 Acervo da memória coletiva

3.1 Memória histórica, cultura e tradição segundo o CIMI (2015, p. 118)

3.1.1 Memória histórica:

Com a retomada da memória história e cultural do povo, a mulher se apresenta como forte liderança, a exemplo de Emília Puruborá, que sempre foi memória viva do povo. Atualmente, sua filha assume a luta como liderança.

3.1.2 O pajé e seus costumes:

Na cultura Puruborá, o pajé utiliza o pó de sementes de angico misturado com fumo, inalado com a ajuda de um parceiro que assopra numa taboca curta.

3.1.3 Mitos e pinturas:

Atualmente os jovens estão recuperando seus mitos e pinturas.

3.1.4 Língua materna:

Através de um professor do povo, [a língua materna] está sendo revitalizada a partir do levantamento linguístico, sendo repassada aos jovens e adultos no espaço da



*Educação Escolar Indígena. A importância dos jovens neste processo de revitalização reafirma a identidade e a história cultural do povo.*⁴

3.1.5 O artesanato:

O artesanato é semelhante aos povos que habitam a Bacia do Guaporé: confecção de marico (bolsa de fibras de tucumã), redes de algodão e de tucumã, colares de tucumã.

3.1.6 Gastronomia:

Atualmente, as famílias que residem na terra comprada por dona Emília Puruborá cultivam inhame para subsistência e comercializam o excedente, bem como outros produtos: milho, batata-doce, macaxeira, café, jerimum.

3.1.7 Caça e Pesca:

Atualmente realizam a caça e pesca, embora com menos frequência devido ao grande desmatamento do seu entorno.

3.2 Memória histórica, cultura e tradição segundo Paulo Aporeti Puruborá

Conforme anunciado ao final da seção 2, o primeiro autor deste artigo teve a oportunidade (rara) de entrevistar o atual patriarca do povo Puruborá, o Sr. Paulo Aporeti Puruborá, segundo ele, com 80 anos de idade. Isso se deu em sua humilde casa localizada na periferia da cidade de Costa Marques. A gravação da narrativa daí decorrente foi transcrita para a língua portuguesa (próxima da padrão) pela segunda autora deste mesmo artigo e passa a ser apresentada em sua íntegra a seguir.

3.2.1 Afiliação:

Meu nome é Paulo Aporeti Filho, Aporeti é nome indígena. [...] O nome de minha mãe, de maloca, era Tamberrot, minha mãe era Puruborá legítima e o pai também.

⁴ A realidade que o primeiro autor deste artigo presenciou nos dias em que passou na aldeia Aperoy não autoriza tanto otimismo. Maiores detalhes acerca disso estão contidos no artigo "WANIAM, PURUBORÁ e KUJUBIM/KUTRUYE - povo, cultura e tradição - um relato experiencial" escrito pelo primeiro autor deste artigo. (aguardando publicação)



[...] *O meu pai é Paulo Aporeti Aperói, é Aperói, mas no nome civilizado eles escreveram [no cartório] Aporeti. O nome dele de nascimento era Paulo Aperói. Minha mãe também tinha outro nome de nascimento, de maloca, era Tamberrot.*

3.2.2 Local de habitação:

Nós habitávamos no São Miguel. Morávamos no São Miguel, na cabeceira do São Miguel, na divisa do Mato Grosso com Rondônia.

3.2.3 Povos próximos:

Ao redor dos Puruborá, lá onde nascemos, onde fomos criados moravam [também] tribos dos Aruak, dos Bakorap, dos Djopari.

3.2.4 A origem do povo Puruborá:

Eu conto, deixa eu ver se eu me lembro aqui como é o começo disso... O começo da história é este: que no mundo, quando existiu, quando Deus formou o mundo, que eles existiram, existiu. Ele fez os homens todinhos e da tribo deles fez uma mulher, fez só uma mulher no mundo. E aquela mulher, quando deu fé, apareceu um homem atrás dessa mulher. E então faziam relação. Eles aí começaram a produzir a família Puruborá. Mas o marido que aparecia para ela era uma onça, transformada em gente e aí que formou a família Puruborá. Por isso que se chama Puru ... Borá, Puru é onça e Borá é a tribo da mulher; era uma onça, na verdade, ele era uma onça, naquele tempo ... transformou-se num homem e ... casava com ela e ... depois que tinha já um bocado de gente formada, ele já velho, se apresentou que ele era uma onça, que se transformou. Aí botou o nome de Puruborá, Borá é nome dela e Puru é a onça. Aí juntaram os dois e se chama Puruborá.



3.2.5 A origem da língua puruborá

Isso é meio difícil para mim, mas vou ver se me lembro, pelo menos um pedaço dela. Isso mexe com tanto encanto isso daí, o começo dele ... A outra passagem é esse. Eles viviam em cima, na serra. Aí já vai começar, e já começou o descobrimento de que ele era homem. Esturrava uma onça, mas eles não sabiam ainda quem era. Tinha um buraco lá, de pau, que apareceu um outro homem também, que procurava mulher nova. Quando apareceu, justamente era o morcego. Naquele tempo os bichos viravam gente, era aquela coisa. Ele morava num toco de pau. Aí com os gritos, eles [os Puruborá] queriam saber o que era. Era um homem transformado na onça, e que gritava; e os morcegos, quando jogavam frutas e batiam neles, eles também gritavam. Aí foi que descobriram, a onça e a língua transformada pelo morcego. O idioma foi transformado pelo morcego, que dividiu o índio com gente por Puruborá. Quem gritava era a onça, mas a língua, partiram pela língua dos morcegos para a língua dos Puruborá.

3.2.6 O pai da mata

Meu pai e meu avô diziam não existe o Mapinguari. Existe é a sombra, o Pai da Mata é quem grita, que dava aqueles gritos e o pessoal ficava com medo e dizia que era o Mapinguari. Nós temos o Pai da Mata, que gritava, que dava aqueles gritos de assombro. Por isso que eu digo que isso do Mapinguari é lenda. Dizem que era um homem cabeludo transformado em gente, que só matava se fosse pelo umbigo, mas não era nada. É uma lenda. O papel do Pai da Mata é que ele cuida dos bichos do moto, que foram criados, é queixada, é porco, tudo o quanto é bicho, é ele quem toma de conta. E justamente na história dele diz que ele pede para quem for matar um bicho para comer que atire para matar, que não baleie só, porque vai dar trabalho para ele, vai sair baleado e aí ele vai ter que tratar porque ele é o curador dos bichos, da mata mesmo. O caipora é o Pai da Mata algemado, que se transformava em diversos tamanhos, grande, pequeno, ele se transformava numa pessoa para conversar, se transformava num macaco, num gato, no macaco prego. Meu pai também falava num outro bicho que fazia o bem e o mal, mas era mais chegado no mal, que não me lembro mais o nome dele.



Considerações finais

Graças à oportunidade proporcionada pela FUNAI, mas sobretudo, graças à generosidade de Paulo Aporeti Puruborá em aceitar contar fragmentos do patrimônio imaterial da tradição oral e cultural puruborana é que pudemos registrar neste espaço narrativas ancestrais do povo Puruborá das quais emergem algumas de suas crenças e valores e que ficarão à disposição de seus contemporâneos e de seus sucedâneos e/ou a quem interessar possa. Paulo Aporeti é o último remanescente do primeiro contato com os "não-indígenas" ainda vivo e, portanto, o único que ainda mantém em sua memória individual frações da memória coletiva original do seu povo. E mesmo que fragmentárias, suas narrativas, como vimos no breve aporte teórico, revelam traços identitários não somente do seu enunciador-narrador, mas também de todo o seu agrupamento étnico, que teimosamente tenta resistir e sobreviver. Nas tradições orais de seus antepassados, que ele conseguiu recordar e recontar, está embutida, mesmo que de forma fracionária, reiteramos, a forma de ver a vida de mais um genuíno povo da floresta amazônica. A sua visão de mundo, de seu mundo florestal, espelha, mesmo que parcialmente, as relações humanas e os papéis desempenhados pelos indivíduos na sociedade puruborana de antanho.

Por fim, imaginamos que ao final deste trabalho conseguimos, em parte pelos menos, registrar algumas tradições orais do patrimônio cultural imaterial puruborano que ainda remanescem na memória viva do Sr. Paulo Aporeti Puruborá. Torcemos para que as lideranças atuais de seu povo, apoiadas por órgãos federais, estaduais e municipais responsáveis pela cultura, levem adiante a bandeira hasteada pela simpático patriarca do povo Puruborá e não deixem morrer as memórias das tradições contidas nas narrativas de um povo amazônida tão singular.

Referências

CIMI/PURUBORÁ. Disponível em: <www.cimi.org.br/site/pt-br>. Acesso em: 21 mar. 2015.

GELLNEER, E. **El arado, la espada y el libro**: la sctructura de la historia humana. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.



FERRERIA NETTO, W. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

VEGINI, V. **Wainiam, Puruborá e Kujubim/Kutruye**: povo, cultura e tradição - um relato experiencial. Porto Velho, 2015. (no prelo)